

A experiência do tempo na contemporaneidade: implicações para o cuidado na infância

ANNE STONE¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹*Universidade Federal de Pelotas – stoneanne@live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A discussão proposta no presente resumo se dá a partir de um Pré-projeto de Conclusão do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise - Pulsional. A pesquisa em questão se propõe a refletir sobre possíveis inserções da infância no cenário contemporâneo ocidental, mais especificamente buscando uma aproximação do que diz respeito ao tempo dedicado ao exercício do cuidado na relação adulto-criança.

Como base teórica para propormos essa reflexão, utilizamos a teoria psicanalítica de LAPLANCHE (1988), que nos fornece elementos para pensarmos as relações iniciais com o outro adulto, e a importância dessas relações iniciais no processo de constituição psíquica. Buscamos, também, investigar possíveis características que podem marcar a relação adulto-criança inserida na contemporaneidade ocidental. Para pensarmos alguns elementos do cenário contemporâneo no qual algumas infâncias se engendram, fazemos uso de autores como DEBORD (1967) e BIRMAN (2014).

Esses últimos autores, DEBORD (1967) e BIRMAN (2014), parecem nos indicar um movimento de individualização e de imediatismo na contemporaneidade. A problemática que parece se apresentar para nós diante dessa questão é: Como podemos pensar a relação adulto-criança em tal contexto, considerando a importância dos vínculos alteritários e do tempo do cuidado das crianças, que estão justamente em “desacordo” com o movimento de individualização e de imediatismo?

2. METODOLOGIA

Para esta pesquisa teórica, utilizamos o método psicanalítico. Ancoradas nessa modalidade, buscamos refletir sobre processos socioculturais e fenômenos psíquicos (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006) que podem se relacionar a alguns aspectos da relação adulto-criança. Uma das características da pesquisa com o método psicanalítico é a singularidade a partir da relação transferencial e contratransferencial de quem pesquisa para com o tema da pesquisa (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006). A partir da singularidade da relação com a pesquisa, consideramos, portanto, que as análises dos fenômenos estudados tornam o processo irrepetível, provisório e parcial (DOCKHORN; MACEDO, 2015).

A característica investigativa da teoria se sustenta também em uma lógica temporal, considerando a implicação subjetiva de quem produz tais construções teóricas (SILVA; MACEDO, 2016). Segundo FIGUEIREDO e MINERBO (2006), essa atividade constitui e transforma tanto o objeto de pesquisa, quanto os pesquisadores e os instrumentos de investigação utilizados. É importante

salientar que o método psicanalítico não possui a finalidade de construir generalizações acerca do tema escolhido, mas, sim, de aprofundar e problematizar o tema de pesquisa (DOCKHORN; MACEDO, 2015).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendemos que os processos que envolvem a relação adulto-criança são engendrados por construções sociais. Isso implica considerar que existem diferentes formas de ser criança, e diferentes formas de ser adulto. Essas vivências são atravessadas, portanto, por questões como raça, classe, gênero, etc. Ou seja, a discussão que propomos não pretende universalizar as mais diversas vivências de ser criança, de ser adulto, ou mesmo as singulares relações que se estabelecem entre adultos e crianças; pretendemos, sim, lançar um possível e parcial olhar sobre esses aspectos.

O exercício do cuidado na relação adulto-criança, a partir do que nos indica LAPLANCHE (1988), é marcado pela passividade da criança. A criança, nos momentos iniciais de vida, encontra-se passiva diante da infinidade de mensagens que lhe são direcionadas pelo adulto. Aos poucos, espera-se que o adulto, durante o exercício do cuidado, transmita também possibilidades de tradução dessas mensagens. LAPLANCHE (1988) nos indica também que, ao cuidar, o adulto é confrontado com os afetos que remetem a quando ele próprio foi objeto passivo de cuidado. E esses afetos, segundo WINNICOTT (1988), podem tanto ajudar, quanto atrapalhar em sua própria experiência de ser um cuidador.

Podemos considerar, então, que o exercício do cuidado por parte do adulto transita por processos como o reconhecimento da singularidade da criança e a elaboração dos afetos e lembranças produzidos por esse encontro. Toda essa complexidade de elementos tende a demandar do adulto um tempo *qualitativo* e complexo de cuidado. Entretanto, DEBORD (1967) sugere uma possível *supressão* não só quantitativa, mas, principalmente, *qualitativa* do tempo na contemporaneidade.

Sem que haja um tempo qualitativo para a interlocução com o outro, em detrimento de um tempo pautado no imediatismo, BIRMAN (2014, p. 23) nos alerta para uma consequente “perda do potencial de simbolização da subjetividade contemporânea”. O processo de imediatismo parece estar intimamente articulado com os movimentos de individualização, pois a troca com o outro, como indicamos, demanda um tempo complexo de elaboração. Logo, nossa pesquisa busca pensar a questão da individualização e do imediatismo articulados à relação adulto-criança. Isso porque esses fenômenos parecem estar em contradição com um modelo subjetivo pautado na alteridade e no tempo qualitativo que envolve os processos de cuidado e de elaboração psíquica dos afetos.

4. CONCLUSÕES

Podemos concluir que parte relevante da pesquisa é apontar a contradição do tempo contemporâneo com o tempo necessário para a elaboração dos afetos produzidos na relação adulto-criança. A partir disso, pretendemos dar continuidade a essa pesquisa, procurando refletir sobre possíveis formas de inserção da infância nesse cenário de aparente “desacordo”: De que forma esse “desacordo” parece afetar o exercício do cuidado? A quem a responsabilidade do cuidado das crianças é preponderantemente direcionada? Quais os efeitos da pandemia na dinâmica temporal contemporânea e sobre o exercício do cuidado?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo (1967)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DOCKHORN, C. N. de B. F.; MACEDO, M. M. K.. Estratégia clínico-interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 31, n. 4, p. 529-535, 2015.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006.

LAPLANCHE, J. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

SILVA, C. M.; MACEDO, M. M. K. O Método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatos Clínicos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 36, n. 3, p. 520-533, 2016.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: WMT Martins Fontes, 1988.